

O princípio da Teoria da Agência em movimentos ciberativistas

Rubens Staloch¹
Clóvis Reis²

Resumo

Analisar o processo histórico no que tange a constituição de movimentos sociais é analisar a forma de organização humana e de comunicação neles existentes. O objetivo deste estudo é mostrar que perspectivas recentes de organização humana dadas através de redes de internet, mesmo em redes sociais virtuais (RSVs), também cabem em análises já consolidadas, como é o caso da teoria da agência descrita por Sztompka (2005). Trata-se de um estudo qualitativo, predominantemente teórico. Como resultado deste ensaio, destaca-se que em qualquer mobilização social existe uma essência comum que está por detrás de sua organização, inclusive naquelas ciberativistas: o agente humano, que por sua vez, unido a demais agentes, podem buscar mudanças sociais.

Palavras-chave: Comunicação; Teoria da Agência; Ciberativismo.

Abstract

Analyzing the historical process in terms of social movement constitution is to analyze the human organization form and the communication existing in them. The study's objective is to show that recent perspectives of human organization through internet networks, even in the virtual social networks (RSVs), also fit on already established analyzes, as is the case of the Agency's Theory described by Sztompka (2005). It is a qualitative study, predominantly theoretical. As a result of this essay, it is highlighted that in any social mobilization there is a common essence that is behind their organization, including those cyber-activists: the human agent, which in turn, united with other agents, can seek social change.

Keywords: Communication; Agency's Theory; Cyberactivism.

Artigo recebido em: 14/10/2015

Aceito em: 18/01/2016

1 Mestre em Desenvolvimento Regional pela Universidade Regional de Blumenau – FURB. Bacharel em Ciências Econômicas pelo Centro Universitário para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí – UNIDAVI. Professor Universitário na Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC/CEAVI. E-mail: rubens.staloch@udesc.br.

2 Doutor em Comunicação (Universidad de Navarra - Espanha), Professor do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional (Mestrado e Doutorado) da Universidade Regional de Blumenau (FURB). E-mail: clovis@furb.br

Introdução

Tendo em vista as tecnologias da comunicação e informação, mais precisamente a internet, e a forma de organização em rede, descritas por Castells (1999), o presente estudo quer destacar que há alteração nas formas de interação humana dadas pelas novas formas de comunicação, por exemplo, pelas Redes Sociais Virtuais (RSVs). Assim, se pretende demonstrar que a Teoria da Agência descrita por Sztompka (2005) pode ser verificada em mobilizações ciberativistas.

Com a crescente utilização da internet, ocorreu uma revolução na sociedade, principalmente na forma de sociabilidade entre os indivíduos. Para Oikawa (2013), aplicativos de celulares, quando conectados à internet, também são formas de interação, podem transformar as formas de habitar os espaços urbanos e mais, podem dar mobilidade, tornando-se “central para a compreensão do atual cenário comunicativo, já que opera uma profunda transformação nas experiências e na configuração dos espaços físicos e suas interfaces com os territórios informacionais”. (OIKAWA, 2013, p. 42)

O resultado da internet pode ser visto hoje pela apropriação por indivíduos e grupos do mundo inteiro sendo utilizada para os mais variados objetivos, diferentemente daqueles iniciais, na Guerra Fria. A chegada da internet, então, significa que os dados podem ser processados de forma muito rápida em quase qualquer parte do mundo, não existindo a necessidade da proximidade física entre os indivíduos envolvidos ou conectados, surgindo assim o chamado *ciberespaço*, mesmo quando conectados via aplicativos, como descritos por Oikawa (2013).

Este ciberespaço representa o resultado de um movimento internacional de jovens com vontade para experimentar coletivamente formas de comunicação diferente daquelas que a mídia clássica propunha. Desta forma, *ciberespaço* é “o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial de computadores.” (LÉVY, 1999, p. 17)

De acordo com Lévy (1999), essa interconexão mundial de computadores, designada de *ciberespaço*, remodela a sociedade, pois causa um impacto social e cultural muito forte, tanto positivamente quanto negativamente, principalmente na discussão sobre o poder, como aborda o autor no terceiro capítulo de seu livro “Cibercultura” (1999).

Castells (1999) vai além, diz que a revolução da tecnologia está remodelando a base material da sociedade, apresentando uma nova forma de relação entre a economia, o Estado e a sociedade, onde “as redes interativas de computadores estão crescendo exponencialmente criando novas formas e canais de comunicação, moldando a vida e, ao mesmo tempo, sendo moldadas por ela.” (CASTELLS, 1999, p. 22)

Neste mesmo sentido está o ciberativismo, que surge no ano de 1984, quando

a linha telefônica conectada via modem ao computador foi usada pela primeira vez para a criação de um fórum *on-line* sobre computadores, sendo um dos primeiros sistemas de conversa eletrônica em larga escala (CASTELLS, 1999). Há o povoamento da internet por grupos de discussão. O ciberespaço, então, de acordo com Malini (2013), é um ambiente virtual comunitário e participativo de grupos de discussão.

O ciberativismo pode ser entendido como “a utilização da internet por movimentos politicamente motivados” (VEGH apud RIGITANO, 2005, p. 3) a alcançar seus objetivos, difundindo informações e reivindicações sem qualquer mediação, “com o objetivo de buscar apoio e mobilização para uma causa; criar espaços de discussão [...], organizar e mobilizar indivíduos para ações e protestos *on-line* e *off-line*”. (RIGITANO, 2005, p. 3)

A rede pode ser utilizada como um canal de comunicação adicional para organizar mobilizações *off-line* nas ruas. A partir da utilização da internet os ativistas (agora ciberativistas) expandem suas ações tradicionais e/ou desenvolvem outras, podem entrar em contato com situações desconhecidas, sensibilizar-se e apoiar causas. (RIGITANO, 2005)

Essa organização em rede, de acordo com Vegh (apud RIGITANO 2005, p. 04) pode ser descrita em três formas de mobilizações: primeira, a rede pode ser utilizada para convidar pessoas para uma ação *off-line*; segunda, a internet pode ser usada para potencializar as ações de uma mobilização; e terceira, a internet pode ser usada para organizar e mobilizar ações que só podem ser efetuadas de forma *on-line*. De acordo com Malini (2013), o ciberespaço já não pode mais ser encarado como um espaço social separado. O ciberativismo “quer radicalizar os direitos fundamentais (ou mesmo subverter o sentido liberal destes), sobretudo, a liberdade de expressão” (MALINI, 2013, p. 13), dando início a novas lutas globais.

Neste sentido, “estamos diante de uma mobilização global político-afetiva nas ruas e nas redes” (MALINI, 2013, p. 14). Há uma interpenetração entre as ruas e essas redes, sendo que as RSV podem ser encaradas como potencializadoras das mobilizações. Essa nova forma de participação, no ciberespaço, também é uma forma de estreitar laços entre os indivíduos, o que facilita suas mobilizações, e assim, “os vínculos cibernéticos colaboram para que as pessoas, que antes teriam vidas sociais mais limitadas, tenham contatos mais diversificados pelas redes”. (LABADESSA, 2012, p. 84)

Observa-se que movimentos sociais como a Primavera Árabe, 15M na Espanha, *Occupy Wall Street* e os protestos de junho de 2013 no Brasil eclodiram graças a ferramentas (como RSV) que produziram resistências, turbulências, desvios e invenções, a fim de transformar a realidade. (MALINI, 2013)

As RSV são espaços de autonomia muito além do controle de governos e empresas que, ao longo da história, haviam monopolizado os canais de comunicação (mídia tradicional) como alicerces de seu poder. Assim, sites de rede social como o Facebook

deram origem a movimentos de indivíduos a despeito de suas opiniões pessoais ou filiações organizacionais em prol de causas movidas por indignações e esperança e, sobretudo, pela “autocomunicação”, a partir da utilização da internet e das redes sem fio ou plataformas móveis como celulares e *tablets*. (CASTELLS, 2013)

Para Lévy (1999), o ciberespaço não é apenas um fenômeno das tecnologias, mas também, é uma revolução no modo de pensar o espaço e viver nele. O próprio exercício da cidadania está se remodelando com base nesta nova ordem espacial. Com o embasamento nestas novas formas de organização humana, dadas no ciberespaço, o presente estudo se preocupou em identificar a Teoria da Agência descrita por Piotr Sztompka (2005) nos movimentos ciberativistas tais como: Primavera Árabe, *Occupy Wall Street*, 15M e nos movimentos ocorridos no Brasil em junho de 2013.

A Teoria da Agência e o ciberativismo

A teoria da agência descrita por Sztompka (2005) refere-se ao espaço onde se encontram as estruturas e os agentes (que possuem a capacidade de ação e de promover a transformação social). É um agregado de fatores estruturais e sociais no que tange a transformação social. Para o autor, a agência humana foi gradualmente secularizada, humanizada e socializada. Entra como sobre-humana e extrassocial e sai completamente humana e completamente social, seja por seus atores individuais ou pela coletividade deles.

Sztompka (2005) descreve que há duas formas para que a agência seja manifestada, “desde cima” ou “desde baixo”. A primeira refere-se ao equilíbrio entre restrições e limitações; recursos e facilitadores; A segunda diz respeito às aptidões, habilidades, talentos, conhecimentos e atitudes dos membros da sociedade, assim como, organizações, inclusive de movimentos sociais. “O passo mais importante foi dado, provavelmente, quando a idéia (sic) de agência foi estendida para baixo, a todas as pessoas em vez de apenas a uns poucos eleitos, a todos os papéis sociais e não apenas às funções de poder” (SZTOMPKA, 2005, p. 329).

O coeficiente agencial foi resumido por Sztompka (2005) em seis pressupostos ontológicos:

(1) A sociedade é um processo e passa por mudanças constantes; (2) a mudança é principalmente endógena, assumindo a forma de autotransformação; (3) o motor da mudança é, em última instância, a capacidade de ação de indivíduos humanos e coletividades sociais; (4) a direção, objetivos e velocidade da mudança estão sujeitos à disputa entre múltiplos agentes, tornando-se uma área de conflitos e lutas; (5) a ação ocorre no contexto de estruturas recebidas, que ela molda por sua vez, resultando na qualidade dual das estruturas (moldas e são moldadas), e na qualidade dual dos atores (produzem e são produzidos); e (6) o intercâmbio entre ação e estrutura ocorre no tempo, por meio de fases alternadas de criatividade motriz e determinação estrutural. (SZTOMPKA, 2005, p.. 341)

Dessa forma, reconhece-se que os indivíduos sozinhos não possuem poder suficiente de decisão na mudança social. Por outro lado, a mudança social deve ser entendida como o resultado da interação do que fazem todos os indivíduos, e assim, “distributivamente, cada indivíduo é portador de uma agência ínfima, praticamente invisível, mas coletivamente os indivíduos são todo-poderosos”. (SZTOMPKA, 2005, p. 329)

Assim, Sztompka (2005) coloca o poder de mudança social nos indivíduos, não na estrutura organizada de uma sociedade. No presente estudo, permanece-se com a ideia de Sztompka (2005, p. 330), de que os indivíduos são capazes de promover a mudança social, de modo que “a agência encontra sua materialização final nos agentes coletivos ou associativos”. Alguns são vistos como agentes que agem “desde cima”, a partir de normas, como os governos, por exemplo; outros agem “desde baixo”, como as associações, grupos de pressão e movimentos sociais, que são, talvez, “a mais poderosa força de mudança em nossa sociedade” (SZTOMPKA, 2005, p. 463).

De acordo com Sztompka (2005, p. 465) um movimento social deve conter os seguintes componentes:

- 1 - Uma coletividade indivíduos atuando juntos;
- 2- O objetivo comum da ação é uma certa mudança na sociedade, definida pelos participantes de maneira similar;
- 3 - A coletividade é relativamente difusa, com um baixo nível de organização formal;
- 4 - As ações tem um grau relativamente alto de espontaneidade, assumindo formas não-institucionalizadas e não-convencionais.

E assim, define-se um movimento social como sendo “coletivos fracamente organizados que atuam juntos de maneira não-institucionalizada para produzir alguma mudança na sociedade” (SZTOMPKA, 2005, p. 465)

Seguindo esse pensamento, se pode dizer que a partir da década de 1990, com a disseminação mais acelerada da internet, das mídias digitais e mais recentemente das RSV, como o Facebook, a liberdade de expressão dos indivíduos e das organizações se faz cada vez mais presente, facilitando o compartilhamento de histórias, conteúdos e, além do mais, contribui para o exercício de mobilizações sociais em prol de causas, específicas ou gerais, como ocorreu nas mobilizações, sobretudo ciberativistas, da Primavera Árabe, do *Occupy Wall Street*, no 15M na Espanha e no Brasil, em junho de 2013.

Então, o ciberespaço pode ser utilizado para manifestar a inteligência coletiva (LÉVY, 1999) e as RSV podem contribuir para a mobilização dos indivíduos, que acabam compondo uma coletividade que visa debater, organizar-se e lutar por seus direitos e anseios, marcados por esperanças de mudanças sociais (CASTELLS, 2013). Pode-se dizer que nestas novas formas de interação humana, há uma complexidade,

que forma o cenário da sociedade contemporânea.

A percepção da agência humana em movimentos ciberativistas

Sob o prisma dessas novas comunicações surge o cerne da sociedade em rede, uma nova estrutura social em que os movimentos sociais do século XXI se constituem. Não são movimentos iniciados apenas pela indignação econômica (crises financeiras), mas, também, por questões de legitimidade, conforme ressalta Castells (2013). Ciberativistas espalhados pelo mundo estão utilizando redes via internet para se autoorganizarem e mobilizar sociedades, local e globalmente. Suas motivações estão em suas indignações sobre o sistema, na maioria das vezes, indignações sociopolíticas e econômicas, porém, outro sentimento também os motiva a se mobilizarem, a esperança que mudanças ocorram.

Exemplos de movimentos sociais ocorridos a partir de novas relações e interações em rede podem ser relatados, tais como: Primavera Árabe, 15-M, *Occupy Wall Street* e os mobilizações ocorridas no Brasil em junho de 2013. Todas essas mobilizações surgiram de indignações e motivadas por esperança de que mudanças pudessem acontecer. Após análises sobre cada uma dessas mobilizações, elaborou-se um resumo dos principais objetivos destes movimentos e de que forma foram organizados na internet.

Primavera Árabe – Objetivo: Protestar contra a incapacidade do governo de se autolegitimar sem que necessitasse de repressão. Teve início a partir de questões como a corrupção do governo, o aumento do custo de vida da população, desemprego e demais questões sociais.; **Manifestações no Ciberespaço:** Criação de páginas na rede social, sendo a mais representativa a página intitulada *We Are Khaled Said*³, criada no Facebook como forma de protesto contra as ações brutais dos policiais na morte de um jovem, sendo o vídeo da ação publicado no *YouTube*. Em 25 de setembro de 2015 são 306.618 curtidas recebidas. Inicialmente, a página possuía como objetivo denunciar os regimes ditatoriais e lutar por uma sociedade em que os direitos humanos fossem respeitados. Porém, o espaço passou a ser utilizado como divulgador de informações e mobilizador de manifestações.

15M, Indignados na Espanha – Objetivo: Protestar contra as políticas econômicas implementadas contra a crise econômica pelo governo espanhol.; **Manifestações no Ciberespaço:** Criação da página *Democracia Real Ya*⁴, uma comunidade que se baseava numa rede descentralizada de núcleos anônimos em diferentes cidades, para protestar devido à crise financeira, mais especificamente na Espanha, na má administração dessa crise por parte do governo. Em 25 de setembro de 2015 são mais de 537 mil curtidas. No dia 15 de maio de 2011, sem liderança formal, via rede

3 Disponível em: <<https://www.facebook.com/elshaheed.co.uk>>. Acesso em 25 de setembro de 2015.

4 Disponível em: <<https://www.facebook.com/AsociacionDRY>>. Acesso em 25 de setembro de 2015.

social através da página *Democracia Real Ya*, diversas manifestações foram organizadas, possuindo expressiva participação dos cidadãos nas ruas. Organizou-se também uma manifestação global no dia 15 de outubro de 2011, contando com centenas de milhares de manifestantes em 951 cidades em 82 países, possuindo um *slogan* “Unidos pela mudança global”. O *Twitter* também foi amplamente usado para divulgar informações, fotos, vídeos e comentários, construindo assim uma rede em tempo real que cobria o espaço ocupado.

Occupy Wall Street – Objetivo: Foi um movimento contra as desigualdades econômicas e sociais nos Estados Unidos, além de lutar por reformas democráticas, prometidas durante a campanha de Barack Obama.; **Manifestações no Ciberespaço:** Iniciou nas redes, quando a revista de crítica *Adbusters*⁵ postou em seu *blog* a convocação *#occupywallstreet*, convocando a população a ocupar o centro financeiro americano. Ocorreu após o colapso do sistema imobiliário quando diversas famílias perderam suas casas. Aos poucos, a mobilização ganhou destaque no Facebook e no *Twitter*. No Facebook, assim como na Primavera Árabe e no 15M, também criaram uma comunidade intitulada *Occupy Wall St*⁶. Em setembro de 2015 havia mais de 697 mil curtidas. Diversas também foram as postagens no canal do *YouTube*, principalmente sobre a repressão da polícia contra os manifestantes na ruas. Em pouco tempo, as mobilizações se espalharam, demonstrando a indignação dos cidadãos e a forma de organização em rede, autônoma e capaz de difundir de forma rápida as informações e incitar debates. Outra rede utilizada na mobilização foi o *Tumblr*⁷, que se associa a diversos *blogs* e assim contou a história do movimento.

Brasil, junho de 2013 – Objetivo: Inicialmente, possuía como objetivo protestar contra o aumento do preço das passagens de ônibus, metrô e trem. Após, tornou-se uma mobilização que pedia o fim da corrupção, da violência policial, melhorias nos transportes, na saúde, educação e contra os gastos excessivos com a Copa do Mundo.; **Manifestações no Ciberespaço:** Os protestos no Brasil iniciaram pelas redes, denominado de *Movimento Passe Livre*, tendo em vista os problemas de mobilidade vividos nas cidades brasileiras. Iniciaram as mobilizações em São Paulo e Rio de Janeiro. Diversas foram as páginas criadas no Facebook para o “Passe Livre”, em diversas cidades brasileiras. Porém, a precursora foi a página da cidade de São Paulo⁸. Em setembro de 2015, eram mais de 299 mil curtidas. O movimento do Passe Livre foi apenas o estopim para que demais insatisfações e indignações fossem expressas nas redes e nas ruas. Além do Facebook, o *Twitter* também foi muito usado nas interações, contabilizando cerca de 11 milhões de *tweets* com a palavra “Brasil” e 2 milhões com a palavra “protesto” entre os dias 6 e 26 de junho. No Facebook, o protesto foi bem expressivo, teve uma taxa de participação – no dia 13 de junho – de 70% dos brasileiros conectados na rede (MALINI, 2013); (CASTELLS, 2013).

5 Disponível em: < <https://www.adbusters.org/magazine>>. Acesso em 20 de setembro de 2015.

6 Disponível em: < <https://www.facebook.com/OccupyWallSt>>. Acesso em 25 de setembro de 2015.

7 Disponível em: < <https://www.tumblr.com/tagged/occupy-wall-street>>. Acesso em 25 de setembro de 2015.

8 Disponível em: < <https://www.facebook.com/passelivresp>>. Acesso em 25 de setembro de 2015.

Sendo assim, a principal forma de interação dos indivíduos em todas as mobilizações se dava através de publicação em formatos textuais, fotos e vídeos, com os quais os internautas poderiam interagir por meio de curtidas, comentários e compartilhamentos. As interações também se davam a partir de plataforma móveis, como celulares. Em alguns casos, ocorreu uma relação ou interação simbiótica, através das redes sociais virtuais, entre jornalistas, demais jornais e cidadãos utilizando seus celulares para carregar imagens dos fatos ocorridos no *YouTube*.

No *Twitter*, também os manifestantes interagiam utilizando algumas *hashtags* para se comunicar. Por meio do *Twitter*, os manifestantes se comunicavam, debatiam e registravam os fatos, as manifestações nas ruas e inseriam comentários sobre os ocorridos. Em todos os casos, ocorreu a interação entre as redes sociais virtuais e as ruas – interpenetração – mobilizações organizadas e difundidas pelas redes sociais virtuais e estendidas às ruas. Em pouco tempo, devido à dinamicidade das redes sociais virtuais as mobilizações se espalharam por diversas regiões, demonstrando a forma de organização em rede, autônoma e capaz de difundir de forma rápida as informações e incitar debates em qualquer lugar.

Os movimentos descritos eclodiram graças às ferramentas de redes sociais virtuais que produziram resistências e turbulências, desvios e invenções, a fim de transformar a realidade vivida naquele momento. Foram movimentos sociais no ciberespaço, ou ciberativismo, que expressaram a liberdade difundida nessas redes, automediadas, onde as vozes “virtuais” se entrelaçam com as suas ações nas ruas, o que Malini (2013) chama de interpenetração. “As redes sociais da internet mobilizaram apoio suficiente para que as pessoas se reunissem e ocupassem o espaço público, territorializando seu protesto” (CASTELLS, 2013, p. 133).

Surge um novo espaço público de discussão, um espaço de autonomia, sendo possível, verificar os princípios da agência descrita por Sztompka (2005), principalmente no que diz respeito à agência “desde baixo”, em que todos sem distinção podem participar. No ciberespaço, assim como nos relatos de Sztompka (2005) sobre a união, quando milhares de indivíduos (agentes) se unem via redes de internet, por exemplo, via RSV, tornam-se todo-poderosos.

Essas novas mobilizações são pautadas em uma série de características comuns, a se destacar, conforme Malini (2013), Castells (2013), Peruzzo (2013) e Fátima (2014):

A forma de se conectar em rede possui múltiplos modos, é multimodal. Inclui redes *on-line* e redes *off-line*, assim, como pode incorporar demais redes durante as mobilizações, por exemplo, com a blogosfera, com a mídia e com a sociedade em geral. Há uma estrutura descentralizada, sem lideranças, maximizando a participação no movimento, já que é uma rede aberta, principalmente por se tratarem de mobilizações que usam RSV, em que qualquer cidadão pode ingressar na causa. Assim, também, dificulta a repressão, pois não há um líder, mas sim, uma série de indivídu-

os frouxamente conectados por seus objetivos e valores comuns;

Esses movimentos, mesmo se organizando via redes de internet, só passam a se constituir como movimentos quando ganham o espaço urbano, seja em praças públicas, como ocorreu na Primavera Árabe ou manifestações nas ruas, como ocorreu em junho de 2013 no Brasil e no *Occupy Wall Street*. De acordo com Castells (2013), devido a esta hibridicidade entre as redes e as ruas, ou interpenetração como descreve Malini (2013), surge um terceiro espaço, o da autonomia;

O espaço da autonomia é uma nova forma espacial de organização dos movimentos sociais em rede, que agem como força transformadora independente de demais organizações. Assim se fizeram nas mobilizações descritas, foram todas organizadas de forma autônoma, sem que houvesse a participação de lideranças claras, seja de pessoas ou partidos políticos, ou ainda, instituições;

Iniciam por motivos específicos, como no caso do *Occupy*, devido à desigualdade econômica e social que se instaurava. Em pouco tempo, devido às conexões em rede da internet, espalharam-se globalmente, pois, estão conectados com todo o mundo. Há uma troca entre o global e o local. Podem manter contato direto na internet e, inclusive, organizar mobilizações simultâneas em diferentes locais do mundo através da conexão em rede e da interligação de questões e problemas da humanidade;

É um tempo emergente, alternativo, constituído de um híbrido do agora com o para sempre. Uma forma transhistórica. Por um lado, os manifestantes vivem como se estivesse em uma sociedade alternativa, sem se preocupar com as restrições cronológicas de suas habituais vidas, mas, por outro lado, em seus debates e projetos, estão discriminados um horizonte de possibilidades ilimitado, remetendo-se a uma antecipação do tempo;

Geralmente, os movimentos organizados via rede de internet são espontâneos, nascem de um evento específico e, em pouco tempo, criam uma comunidade instantânea que abraça a causa, ou as causas, pois pactuam dos mesmos preceitos. Logo, inicia-se a divulgação do movimento inclusive, através de vídeos no *YouTube*, como ocorreu na divulgação do assassinato do blogueiro Khaled Said durante a Primavera Árabe. A divulgação de vídeos é uma das mais poderosas ferramentas de mobilização nos estágios iniciais dos movimentos, pois é nele que são divulgadas as imagens que irão mobilizar cada vez mais indivíduos;

Também, tais movimentos são virais, ou seja, se espalham/alastram de forma rápida pelas redes de internet. Isso se dá não apenas pelo caráter viral da difusão das mensagens em si, mas, sobretudo, porque tais movimentos incitam a esperança de que mudanças possam acontecer e assim, mais e mais indivíduos se conectam, inclusive em diversas regiões do mundo, visando mudanças, como ocorreu com a disseminação viral pelo mundo das mobilizações do 15M;

As mobilizações via redes de internet e pelas RSV são autônomas por se consti-

tuírem, em geral, sem a presença de lideranças, mas sim, seus atos são deliberados em conjunto, em assembleias e comitês. Essa característica, observada nesses tipos de mobilizações, está ligada diretamente à rejeição dos representantes políticos. O que se percebe é que um ou outro manifestante é mais ativo dentro das mobilizações, apenas por se comprometer integralmente com o movimento, e só são aceitos como uma figura central no movimento enquanto não tomam decisões individuais;

Por se tratar de uma mobilização autônoma e sem lideranças claras, diz-se que são horizontalizadas, prezando pela cooperação e solidariedade dos seus ativistas. Ou seja, não há centralização de poder, mas sim, as deliberações e decisões são tomadas em conjunto, sendo o alicerce das mobilizações, visto, principalmente, nas manifestações de junho de 2013 no Brasil, quando ocorreram sem a presença de lideranças, sem partidos e nem sindicatos em sua organização;

Dessa forma, também são movimentos autorreflexivos, estão em constante questionamento do que realmente desejam seus participantes, o que pretendem realizar, que tipo de democracia e sociedade têm em mente e como evitar que as mobilizações caiam em fracasso por reproduzir em si mesmos os mecanismos do sistema que querem modificar. Essa autorreflexividade se manifesta no processo de deliberação das assembleias, nos diversos fóruns na internet, *blogs* e grupos de discussão nas redes sociais;

Em geral, os movimentos não são violentos, com manifestações pacíficas, exceto os ativistas que destoam dos preceitos do movimento. A sua grande maioria se engaja na ocupação do espaço público e em táticas que visam pressionar as autoridades políticas e organizações. Porém, é difícil, muitas vezes, conter o sentimento individual ou coletivo de autodefesa, principalmente quando há a repressão de forma violenta por parte da força policial, como ocorreu nos levantes árabes e, até mesmo, no caso das mobilizações no Brasil;

Não são programáticos e nem poderiam ser, pois, como é um movimento autônomo, horizontalizado e sem lideranças claras, em que todos podem opinar, debater e abordar temas para pautas, não se pode programar tais mobilizações: há múltiplas demandas e ilimitadas motivações, assim, não se consegue formalizar uma organização ou liderança, porque suas decisões envolvem sempre um consenso;

Tais consensos se canalizam para que sejam almejadas mudanças na sociedade. Porém, não há como se concentrar em um único projeto ou tarefa, tendo em vista serem múltiplas as necessidades de mudanças. Assim, também não podem ser canalizadas para uma ação política, e, por isso, não assumem a forma de partidos políticos, até mesmo, porque esses estão desacreditados, principalmente no caso brasileiro;

Por outro lado, são movimentos muito políticos num sentido fundamental, particularmente, quando propõem e praticam a democracia deliberativa direta, baseada na democracia em rede. Projetam uma nova utopia de democracia em rede baseada

em comunidades locais e virtuais em interação (global-local). Uma utopia da autonomia do sujeito em relação às instituições da sociedade;

“O papel da internet e da comunicação sem fio nos atuais movimentos sociais em rede é fundamental” (CASTELLS, 2013, p. 166). Para o autor, a autonomia é a “mais profunda transformação social promovida pela internet [...] com a passagem da interação individual e empresarial [...] para a construção autônoma de redes sociais controladas e guiadas por seus usuários.” (CASTELLS, 2013, p. 168).

Talvez, nenhum dos movimentos descritos tenha conseguido todos os seus objetivos, porém, a forma como os indivíduos se organizaram já é um novo produto, uma nova forma de interação dos atores sociais através de uma auto-comunicação em massa dadas nas RSVs no ciberespaço e, assim, “há núcleos de redes da internet, em âmbito local e global, e há redes pessoais, vibrando ao ritmo de um novo tipo de revolução, cujo ato mais revolucionário é sua própria invenção”. (CASTELLS, 2013, p. 116)

Destaca-se que a agência humana está presente nos movimentos sociais difundidos na internet, e hoje, tem papel central na busca por mudanças sociais, principalmente no que tange a agência “desde baixo”, aquela que está presente nas mobilizações sociais, assim como verificada nas mobilizações descritas.

Considerações finais

Apesar de a história ser construída, criada e recriada a partir das ações e atividades intencionais humanas, ela não é premeditada, mas sim, o resultado de esforços que buscam uma direção mais consciente. Os movimentos sociais estão dentre os agentes da mudança como destaca Sztompka (2005), e ao longo da história, esses movimentos foram decisivos para que mudanças ocorressem. Hoje, vive-se em meio a novos movimentos, mas não em seus sentidos, apenas na forma como ocorrem as relações/interações, organizados em rede.

Um movimento social represente uma coletividade de indivíduos atuando juntos, de forma não organizada e não institucionalizada a fim de conquistar algum objetivo comum, alguma mudança na sociedade. A partir do momento em que os medos são deixados de lado, as indignações passam a ser evidenciadas e as ações comunicativas surgem [neste momento a partir da internet, de RSV etc.], entusiasmando ainda mais indivíduos, passando a se organizarem em rede, transformando as indignações em ações coletivas. (CASTELLS, 2013)

Os agentes, que são ciberativistas, estão espalhados pelo mundo e utilizando redes via internet para se auto-organizar e mobilizar sociedades, local e globalmente. São autônomos, nas redes de internet os movimentos são controlados e guiados por seus usuários, os agentes, mesmo por plataformas móveis, como celulares e *tablets*. Não se teve o intuito de analisar as mobilizações de forma detalhada, mas

sim, entender que não seriam capazes sem a organização humana e talvez, também não fossem capazes sem a utilização da internet em sua constituição.

O objetivo deste estudo não foi limitar os diálogos, muito pelo contrário, foi mostrar que perspectivas recentes de organização humana também cabem em análises já consolidadas, como é o caso da teoria da agência descrita por Sztompka (2005), sendo necessário apenas o entendimento de que na essência dessas organizações, assim como nas mobilizações sociais via rede (ciberativismo), há um denominador comum, o agente humano, que por sua vez, unido a demais agentes, podem buscar mudanças sociais.

Referências

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

FÁTIMA, B. di. **Primavera Árabe: vigilância e controle na sociedade da informação**. 2012. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/fatima-branco-primavera-arabe-vigilancia-e-controle.pdf>> Acesso em 20 de outubro de 2014.

LABADESSA, E. **O uso das redes sociais na internet na sociedade brasileira**. Revista Metropolitana de Sustentabilidade - RMS, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 82-94, maio/ago. 2012.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MALINI, F. **A internet e a rua: Ciberativismo e mobilizações nas redes sociais**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

PERUZZO, C. M. K. **Movimentos sociais, redes virtuais e mídia alternativa no junho em que o “gigante acordou”(?)**. In: MATRIZES, Ano 7 – nº 2 jul./dez. 2013 - São Paulo – Brasil.

RIGITANO, M. E. C. **Redes e ciberativismo: notas para uma análise do centro de mídia independente**. Biblioteca on-line de Ciência da Comunicação, 2005. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/rigitano-eugenia-redes-e-ciberativismo.pdf>>. Acesso em: 15 de outubro de 2014.

SZTOMPKA, P. **A sociologia da mudança social**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

OIKAWA, E. Qualidade de vida na palma da mão: tecnologias móveis digitais, vigilância e visibilidade na busca pelo bem-estar. **Vozes e Diálogos**, Cibercultura: práticas e impactos na Comunicação Social. Itajaí, V.12, n. 02 (2013).